

A Escola e a fragmentação disciplinar

Nílson José Machado
njmachad@usp.br
www.nilsonjosemachado.net

- 1- A crise na ideia de disciplina**
 - 2- Fragmentação horizontal e vertical**
 - 3 - Currículos, mapas**
 - 4 - Mapas, planejamento**
 - 5 - Planejamento, projeto**
 - 6 - Currículos, avaliações**
-

1 – A crise na ideia de disciplina

A ideia de disciplina está em crise. De componente curricular fundamental na tarefa de trazer o conhecimento em sentido pleno para a sala de aula, a disciplina tornou-se canal de comunicação entre a escola e a vida. Educação Sexual, Educação Ambiental, Matemática Financeira são exemplos de pseudo-disciplinas, temas que podem ser incluídos no rol de conteúdos, mas não têm a dignidade de uma disciplina.

Tal crise tem conduzido a uma notável fragmentação disciplinar, sobretudo no Ensino Médio. Os alunos têm que administrar um número de disciplinas comparável ao de seus anos de existência. Estudam como se examinassem uma foto com uma poderosa lupa: a atenção é fixada nos pormenores e a visão do todo se esvai.

Subjaz a isso a ideia de uma especialização crescente e necessária. Sem se opor a tal movimento, é preciso equilibrá-lo com a busca de uma compreensão transdisciplinar dos fenômenos. Afinal, quanto mais nos aprofundamos no mapeamento genético, mais precisamos de conceitos da Bioética.

2 – Fragmentação horizontal e vertical

A multiplicação das disciplinas conduz a uma fragmentação nos conteúdos. Diluídas em pormenores, as ideias não têm vida e o significado do que se estuda não se torna visível.

Há dois tipos de fragmentação disciplinar. A primeira decorre de um esgarçamento nas relações entre os temas, em razão de certo "corporativismo" disciplinar. Trata-se de um fenômeno horizontal e o discurso da interdisciplinaridade, ou do estreitamento de tais relações, visa a sua inibição.

Outro tipo de fragmentação merece atenção. Em sintonia com a especialização crescente, intradisciplinas têm sido criadas no interior de disciplinas, numa espécie de fragmentação vertical.

Em cada tema, no entanto, quanto mais descemos aos pormenores, mais precisamos buscar um olhar do alto, uma visão mais abrangente, uma compreensão transdisciplinar do que se estuda. Não deve ser por acaso que uma língua cheia de preciosismos, como o latim, reservou a mesma palavra (*altus*) para expressar a um só tempo as ideias de alto e profundo.

3 - Currículos, mapas

O conhecimento não é imediatamente acessível a quem nele se inicia. Para trazê-lo para a escola é preciso organizá-lo, discipliná-lo, traduzi-lo em disciplinas.

Os currículos escolares são como mapas a recobrir o território do conhecimento. São instrumentos para orientar as ações, instigar viagens e viabilizar percursos conscientes. As disciplinas são como os estados: repartem o território das significações, mas devem colaborar continuamente na busca do interesse primordial da escola - a construção e a partilha de significados. As fronteiras disciplinares não devem servir de óbices para uma interação fecunda: é preciso fomentar a livre circulação interdisciplinar. Os interesses dos alunos situam-se muito além dos programas disciplinares.

Nas últimas décadas, os currículos têm apresentado uma fragmentação disciplinar excessiva. Parecem menos um mapa e mais uma prateleira de supermercado. Oferecem cacos, ou retalhos de conhecimento, eventualmente sedutores, mas certamente desorientadores.

4 - Mapas, planejamento

Todo planejamento refere-se imediatamente ao projeto do qual é tributário. Planejar é organizar as ações a serem realizadas, tendo em vista os objetivos que se buscam. O mapeamento do que é fundamental é o primeiro passo a ser dado. Descartar irrelevâncias, decompor, hierarquizar e articular as metas são ingredientes necessários ao planejamento. Os temas envolvidos encontram-se multiplamente relacionados, mas nem tudo é igualmente relevante: ponderar as relações constituintes é preciso.

Um elemento decisivo no ato de planejar é o tempo de que se dispõe. A decisão sobre o que é fundamental ou relevante depende inteiramente de tal fator. É impossível definir percursos ou destacar prioridades sem a referência a balizas temporais. Os planejamentos não têm a natureza e a rigidez das leis. Não podem ser fotografias, ou representações estáticas. São como mapas em permanente estado de atualização, ou *cinemapas*, na feliz expressão de Pierre Lévy.

Planejar é como construir o roteiro de um filme.

5 – Currículos, avaliações

Nas avaliações educacionais, os currículos desempenham importante papel como instrumentos de organização das ações. Não são apenas elencos de disciplinas, com seus conteúdos programáticos. Incluem espaços e atividades que articulam dimensões cognitivas, pedagógicas e políticas do ato educativo. Não podem desdenhar dos conteúdos, em nome do discurso político, nem submeter-se acriticamente a tecnicidades pedagógicas que atropelem ou minimizem a importância de tarefas básicas, como a construção da cidadania e a vivência de princípios éticos.

Na estrutura curricular, é fundamental construir e alimentar espaços da igualdade e da diferença, articular e mediar a convergência de interesses pessoais e coletivos. Em tais tarefas, o diálogo e a confiança no fazer com a palavra são elementos imprescindíveis.

O elogio do diálogo, no entanto, não pode elidir um fato: a assimetria nos papéis e nas responsabilidades de professores e alunos. A escola prepara para a democracia, mas não é uma democracia.

6 – Planejamento e projeto

Todo planejamento refere-se a um projeto, sem o qual não passa de burocracia sem valor. Planejar significa organizar as ações de modo racional. Não basta ter metas valiosas, é preciso planejar o que deve ser feito. Não se pode fazer tudo ao mesmo tempo, há que se estabelecer prioridades, criar uma sequência de ações, determinar a ordem de marcha, avaliar os resultados em cada etapa.

Planejar é construir um mapa do que deve ser realizado, distinguindo-se o que é relevante do que é irrelevante. E como nada é absolutamente relevante ou irrelevante, senão em função do projeto que se tem, o planejamento sempre pressupõe uma explicitação dos valores envolvidos.

É fundamental, ao planejar, a escolha de uma escala adequada para o mapeamento dos diversos temas. Um mesmo objetivo pode ser atingido em diversos níveis de profundidade, com a mesma seriedade. A escala determina um “esquecimento coerente” e a competência em escolhê-la é a característica mais importante de um bom cartógrafo/planejador. **** SPmarço2012